Apoio:

Patrocínio:

Realização:

O Segredo dos Animais

O Segredo dos Animais

Fora das portas da cidade vivia uma vez um carroceiro com sua mulher. Eles tinham um filhinho, que chamavam de Coração. Não era um garoto igual aos outros. Não fazia o menor caso das crianças da idade dele e não gostava de brinquedos, nem de livros. Em troca, amava com loucura os animais. Ria e brincava com eles, explicava - lhes suas dificuldades e lhes contava as histórias que ouvia de sua mãe. Os cavalos de seu pai, os cachorros e os gatos da vizinhança, os pássaros do bosque e até os vermes do campo eram seus amigos íntimos. Só com eles Coração se sentia feliz.

Quando ele completou 16 anos, os pais o mandaram aprender um ofício. Mas não houve jeito. Todos os patrões para quem trabalhava, em pouco tempo o
mandavam embora.

Em casa do sapateiro, em vez de consertar os sapatos ele passava o dia brincando com o gato e o canário.

Em casa do alfaiate, não saía do galinheiro um só momento.

Por fim o pai o mandou para a casa de um ferreiro. Mas ali Coração encontrou um enorme cão-pastor e

esqueceu completamente seu trabalho, só pensando em brincar com o cachorro e só gostando de observar seus olhos cheios de bondade.
O ferreiro o chamou de malandro e o mandou de volta para casa.
Os pais do rapazinho ficaram desesperados. O que iam fazer com ele?
Um dia, o guarda do bosque, que era seu padrinho, foi visitá-lo, e o pai de Coração lhe explicou o que estava acontecendo.
O guarda alisou a barba e se pôs a rir.
- Deixa-o ir comigo - disse. - Um rapaz que gosta tanto dos animais tem de ser por força um bom caçador. Vamos, Coração, em minha cabana tenho bons cães, e o bosque está cheio de coelhos, veados e outros animais. Poderás brincar com eles o quanto quiseres.
Coração gostou muito da idéia e tratou de, fazer uma trouxa das poucas coisas que tinha, seguindo o seu novo patrão.
A princípio lhe agradou a vida de caçador. Podia correr com o cães, oferecer migalhas de pão aos pássaros e dar de comer a todos os animais.
Mas, da primeira vez em que viu um coelho morto, pendurado na mão do guarda do bosque, com os olhos abertos e vidrados, começou a chorar desconsoladamente. Todo animal morto que chegava à cabana - coelho, perdiz, raposa, pato ou esquilo - entristecia Coração.
O guarda do bosque ficava impaciente ao ver seu afilhado se comportar daquele modo.
- Em vez de calças, devias usar fraldas - dizia. - Que péssimo ajudante eu arranjei! Na hora em que

devia saltar de alegria, ao ver a caça obtida, se põe a chorar como um idiota! Não me serves para nada! Antes eu te tivesse deixado com teus pais!

Certo manhã, quando o guarda voltou da caça, encontrou Coração falando com umas pombas que tinham corrido para junto dele.

- Já basta disso! - gritou o homem, com raiva. - No bosque, perto do carvalho grande, está uma corça ferida. Vai buscá-la, amarra-a e traze-a para cá.

Coração correu ao lugar indicado e encontrou a pobre corça, com uma das patas ferida por uma bala.

O animal estava com os olhos cheios de dor e olhava-o muito assustada. Coração inclinou-se e, carregando-a em seus fortes braços, a levou até um reservatório, molhou em sua água fria um lenço e com ele cobriu a ferida da corça. Depois foi buscar bastante erva cheirosa num campo próximo e a ofereceu ao animalzinho. Este, agradecido, lambeu as mãos do rapaz e depois, fazendo um grande esforço, se pôs de pé e abanou a cabeça.

Coração compreendeu o que a corça queria dizer-lhe e exclamou:

- Irei contigo! Guia, que te seguirei.

A corça começou a caminhar, mancando e se voltando a todo instante para ter certeza de que Coração a seguia.

O caminho era difícil e cheio de pedras, mas por fim eles chegaram ao alto de uma pequena montanha, de onde se via uma pedra diferente das outras.

Com uma das patas dianteiras a corça chamou três vezes, junto da pedra, e soltou um ligeiro grito.

Lentamente a pedra começou a girar e apareceu

uma abertura. A corça penetrou por ela e Coração a seguiu.
Encontraram-se numa espécie de cova, onde, sentado no tronco de uma árvore, estava um homenzinho de cara enrugada e bondosa, coberta por uma comprida barba branca.
Vendo a corça, estendeu-lhe as mãos e disse com uma vozinha clara que parecia a de um grilo:
- Vem aos meus braços, minha corça! Esses homens malvados, que perseguem meus filhos e os matam, te feriram.
A seguir seus olhos pousaram em Coração, que permanecia silencioso, e as veias de sua testa se incharam de raiva. Mas a corça naquele momento soltou outro ligeiro grito. No mesmo instante desapareceu a cólera do homenzinho, e ele fez sinal ao rapazinho para que se aproximasse mais.
- Agora eu te conheço - disse, com sua curiosa vozinha aguda. - Tu és o amigo dos meus animais. Eu sou o espírito protetor dos animais do bosque; o chefe deles. Tenho reparado no teu comportamento... Por isto sei que és bom com eles. Pagarei tua bondade do melhor modo que puder. Escuta-me. Cada um dos meus bichos possui o segredo de um ser humano. Mas, como os humanos não podem entendê-los, este segredo continua oculto. Eu vou dar-te o poder de compreender a linguagem dos animais, e poderás tirar proveito do que eles te contarem. Toma esta garrafinha. Ela contém um líquido feito com bolotas, folhas de morangueiro e os talos de certos lírios. Bebe umas gotas e presta bastante atenção ao que ouvires.
Coração segurou a garrafa, agradeceu ao

homenzinho e saiu de novo para o ar livre.
Quando voltou para a casa de seu padrinho, este lhe perguntou onde estava a corça.
- Tive tanta pena dela, que fiz curativo na ferida e a deixei ir embora - respondeu Coração.
O guarda ficou furioso.
- Sai da minha caso! - gritou. - E nunca mais ponhas os pés aqui dentro! Teu lugar é num convento e não num bosque! És um imbecil, não me serves para nada!
Então Coração fez novamente uma trouxa de suas coisas e saiu mundo afora. Estava anoitecendo quando se viu diante de uma pousada solitária, perdida no interior da floresta. Estava muito cansado, entrou ali e pediu hospedagem.
O hospedeiro olhou-o com cara de astúcia, disse qualquer coisa a um criado, que, fazendo que sim com a cabeça, guiou Coração até o quarto.
A noite estava calma e bonita. Coração não se deitou logo. Abriu a janela e, se apoiando no peitoril, escutou os murmúrios da mata. No alto de um pinheiro próximo estava um rouxinol elevando ao céu os seus trinados.
- Vem cá, passarinho - chamou Coração com voz suave. - Quero dizer-te uma coisa.
Mas o rouxinol continuou a cantar. Coração teve a impressão de que o passarinho cantava só para ele, e de propósito. Então se lembrou da garrafinha do líquido encantado e, tirando-a do bolso, tomou umas gotas. No mesmo instante compreendeu o que o rouxinol cantava:
“Pi-pi-pi-pi, foge daqui, que os ladrões só pensam em traições.”

Coração levou um grande susto! Precisava fugir depressa!
Sem perder um segundo, apanhou suas coisas e, saindo pela janela, se agarrou ao galho de um pinheiro, descendo por ele até o chão. Rápido e silenciosamente fugiu, só parando quando se viu em segurança. Depois se deitou na terra e dormiu até que os brilhantes raios do solo despertaram.
Então continuou seu caminho, atravessou todo o bosque e foi dar diante de uma bela cidade.
Pelas ruas havia muita gente, correndo toda na mesma direção. Coração a seguiu até uma grande praça, onde estava levantada uma forca.
Debaixo da forca se achava um rapaz, e ao lado dele dois homens, um vestido de preto e o outro de vermelho. O de preto tinha coberto o rosto com as mãos e parecia muito desgostoso.
Coração, muito curioso, perguntou a um dos que estavam junto dele o que havia acontecido. O outro lhe explicou que o homem vestido de preto tinha recolhido o rapaz e levado para a casa dele, onde o alimentou e vestiu. Uma noite, quando voltou, encontrou sua esposa e os filhos assassinados. Então acusou o rapaz do crime, chegando até a dizer que tinha visto o pobre moço cometendo-o. O rapaz negou, mas a declaração do homem convenceu tão bem, que o pobre coitado foi condenado à forca.
Coração se apavorou ao saber da assustadora história. Recuou um pouco, escondendo-se no meio da multidão, e quando estava ali, ouviu um grande cão-pastor ladrar e gemer. Imediatamente Coração tomou um gole do líquido mágico, e os latidos e

gemidos do cão se transformaram nestas palavras: "Au, au! Ouvi o que vos digo: O marido matou a esposa e os filhos com uma faca. Au, eu! Jesus, que coisa! Au, au! Que coisa espantosa!"
Como um relâmpago, Coração correu para o local do suplício e gritou com voz bem clara:
- Alto! Este moço está inocente! O verdadeiro assassino é o marido!
O homem vestido de preto tirou as mãos do rosto e olhou assustado para Coração. Depois empalideceu muito e caiu sem sentidos no chão.
A multidão no mesmo instante se convenceu de quem era o verdadeiro culpado, e houve um grande tumulto. O rapaz que acabava de ter sua vida salva, ajoelhou-se aos pés de Coração e lhe beijou as mãos, cheio de alegria e gratidão.
Os representantes da Lei foram à casa do homem acusado e, depois de darem buscas, encontraram a faca que tinha servido para cometer o crime, escondido na cama do homem. Isto provou que era ele o assassino e, como ainda era cedo, ele foi enforcado na mesma forca que estava preparada para o outro, na praça principal.
O povo se reuniu ao redor de Coração, aclamando-o sem cessar, mas o rapaz conseguiu escapulir, e quando anoiteceu, saiu da capital com a mesma cautela com que havia entrado.
Ao atravessar um prado, ele descobriu um cavalo de puro sangue, branco como a neve e com uma cauda muito comprida e muito fina. Quando Coração chegou perto dele, o animal relinchou com delicadeza, inclinando a cabeça para o solo e com os olhos cheios de tristeza.

Rapidamente Coração tomou umas gotas do prodigioso líquido e ouviu estas palavras:
“Escuta com grande atenção: Está muito triste e pálida, só uma rosa de sangue curará seu coração.”
Várias vezes o cavalo repetiu isto. Por fim, Coração, aproximando-se dele, deu-lhe umas pancadas no pescoço e sussurrou:
- Deixa-me montar-te, querido cavalo. E leve-me aonde eu possa ajudar em alguma coisa.
O animal chegou ainda mais perto do rapaz, que com um salto o montou. Depois correu tanto, que o vento assobiava terrivelmente nos ouvidos de Coração. Finalmente parou em frente da porta de um grande castelo, recomeçando a relinchar como se gemesse.
Abriram-se as portas e apareceu uma grande multidão. Cavalheiros, escudeiros, criados e donzelas damas vestindo ricos trajes da côrte e pajens de cabeleira dourada.. . Mas as roupas que eles vestiam eram todas pretas, e em seus semblantes lia-se a tristeza e o temor. Mal descobriram o cavalo, começaram a gritar e a saltar de alegria.
- O cavalo favorito do Rei voltou! Com certeza este jovem nos traz boas notícias! Nossas desgraças terminaram!
Aglomerados todos em volta de Coração, lhe perguntavam onde havia encontrado o animal e de onde estavam chegando. Coração lhes pediu que explicassem o que estava acontecendo. Então se adiantou um cortesão e relatou o seguinte:
- Este castelo pertence ao poderoso Rei Luz do Sol, que até pouco tempo vivia aqui, ditoso, com sua

linda filha Luz da Lua. Um dia nos sucedeu uma terrível desventura. O mago Rodamundo se apresentou, pedindo a mão da Princesa. 0 Rei se recusou a dá-la e o expulsou do castelo. O mago, que era um repelente anão, demorou-se uns momentos diante do castelo, agitando o punho, ameaçador, e murmurando horríveis maldições. Apareceram no céu umas nuvens negras, o sol se velou, e um trovão ressoou em todo o país. Quando se fez novamente a luz, o bom Rei havia desaparecido e o rosto da nossa amada princesa havia perdido a sua beleza. Estava embaciado, contraído, estranho... O coração dela, outrora alegre e feliz, estava pesado de dor. Pouco tempo depois disto, apareceu um estranho príncipe em nossa cidade. Era atrevido e mau, e pediu para casar com a Princesa Luz da Lua.
- "Tu és feia, triste e desagradável - disse ele, grosseiramente. - Deves até agradecer, por um filho de Rei ter tido compaixão de ti".
- A princípio a Princesa o repeliu; mas logo se deu conta de que o seu infeliz reino precisava de direção e da firmeza de um homem. Suspirou profundamente, e assentiu. Seu amor pelo povo era maior do que o seu desejo de ser feliz, e ela esperava que aquele arrogante e enérgico Príncipe fosse capaz de salvar todos nós da ruína. Dentro de algumas semanas, quando o enxoval da noiva estiver pronto, serão celebradas as bodas.
- E o que há com o cavalo que me trouxe aqui? - perguntou Coração.
Os olhos do cortesão se encheram de lágrimas e se abaixaram para a sua comprida barba branca.

- Quando o estranho Príncipe tentou montar o cavalo favorito do Rei, o animal o atirou ao chão e fugiu. Quando o vimos hoje à porta do castelo, pensamos que talvez o Rei tivesse voltado. Por isso o recebemos com tantas demonstrações de alegria.
- Certamente que eu não sou o Rei, - assentiu Coração - mas em troca posso ajudar a vossa Princesa a curar-se de sua mágoa. Levai-me depressa ao jardim dela.
Animados por essas palavras, os criados conduziram Coração ao jardim e o deixaram ali. O rapaz o percorreu cuidadosamente, até encontrar uma rosa cor de sangue. Arrancou-a da roseira onde crescia e pediu ao cortesão, que lhe havia falado antes, que o levasse à presença da Princesa triste.
Atravessando compridos corredores e enormes salões, chegaram por fim a um grande aposento cheio de cortinas negras. No centro do mesmo se via um trono e, sentada nele, estava a Princesa, inteiramente vestida de luto. Seu rosto estava oculto por um grosso véu negro, e em seu colo descansava um gatinho branco.
Coração se inclinou diante dela e lhe ofereceu a rosa cor de sangue. A Princesa levou lentamente a rosa até junto do rosto e a cheirou. Mal fez isto, deu um grande salto e arrancou o véu. Coração recuou horrorizado, ao ver o pavoroso rosto da filha do Rei. Mas a Princesa sorriu e disse:
- Sinto-me alegre e feliz como se todas as nossas preocupações tivessem acabado se houvesse chegado a primavera. Que toquem os clarins! Quero ouvir música!
"Passou a dor, fugiu a tristeza, brilha a esperança, a

alegria começa."
Mal pronunciou essas palavras, ouviu-se ao longe a batida dos cascos dos cavalos e o som das trombetas de guerra; mas não era um som alegre, e sim triste e opressivo.
A porta do salão se abriu e entrou o Príncipe estrangeiro. Quando viu nas mãos da Princesa a rosa cor de sangue, seus olhos lançaram chamas, de tanta raiva.
- Traição! - gritou. - Traição! Guardas! atirai no calabouço mais profundo esse rapaz que se atreveu a se aproximar da minha noiva!
Rapidamente sua ordem foi obedecida, e Coração se viu numa profunda e úmida masmorra, sozinho com seus tristes pensamentos. Uma débil luz penetrava pelas grades que protegiam a janela. De repente, o rapaz ouviu um leve bater de asas, e uma pombinha começou a arrulhar suavemente, como se quisesse chamar-lhe a atenção.
- Tens alguma coisa a me dizer, pombinha? - perguntou Coração. - Espera um momento, e saberei o que me queres falar.
Depressa tomou umas gotas do líquido mágico, e o arrulhar da pomba se tornou compreensível:
"Arru, arru, arranca-me uma peninha, que além de ser bonita é mais preciosa do que o ouro e serve de chave para tudo."
Coração não a deixou repetir o conselho. Apanhando a pomba lhe arrancou com delicadeza uma das penas da cauda. Depois introduziu a pena na fechadura e abriu a porta. Fugiu depressa da masmorra e se viu em liberdade. Mas, enquanto não ficou bem longe do castelo e não o perdeu de vista,

não se sentiu seguro. Por fim, cansado de tanto correr, deitou-se no chão para dormir.
Mas o sono não aparecia. A sua volta ele ouvia todos os sons do bosque e do campo. O vento acariciando os ramos, as ondas do lago se quebrando suavemente na margem, as rãs coaxando nos charcos...
- Que ruído fazes, rã! - exclamou ele. - Por que coaxas desta maneira? Fala-me, pois talvez eu possa ajudar-te.. .
Levou a garrafinha aos lábios e tomou duas gotas do líquido. Imediatamente seus ouvidos perceberam estas palavras:
"Croá, croá, aqui no charco há ouro e prata dentro de bolsa escarlate com esmeraldas e pérolas que cegam só de vê-las."
Coração se pôs logo de pé.
- Vou buscá-la agora mesmo, querida rã - disse ele.
Dirigiu-se apressadamente para o charco, onde a rã coaxava, e, mal entrou na água, tropeçou numa coisa dura. Meio enfiada na lama, estava uma enorme bolsa vermelha. Coração a puxou para a margem e, abrindo-a, viu que estava cheia de moedas de ouro, prata e pedras preciosas. Aquela riqueza era dele; mas como a defenderia?
Finalmente levou a bolsa até o pé de um enorme carvalho, e fazendo uma abertura entre os raízes a enterrou ali, cobrindo-a a seguir com folhas e ervas misturados com terra. Mas antes, ele tinha enchido seus bolsos de moedas. Durante todo ,o tempo que durou seu trabalho um cuco esteve contando, de uma árvore próxima.
- Queres dizer-me alguma coisa, cuco? - perguntou

Coração. - Espere um momento, e já te escutarei. Umas gotas do líquido mágico lhe permitiram entender:
"Cu-co, Cu-co, o Príncipe é um bicho mau, um bruxo e um mago odioso que num sapato um feitiço guarda sempre, cauteloso."
- Ah, é assim? - exclamou Coração. - Bem me parecia que um homem tão antipático não podia ser um Príncipe! Amanhã descobrirei a verdade!
Depois de pronunciar essas palavras, Coração se deitou embaixo da árvore e adormeceu calmamente.
A primeira hora da manhã regressou à capital, onde, com seu ouro, comprou um rico vestuário, uma capa de veludo e um chapéu enfeitado com uma pena comprida e ondulante. Depois adquiriu uma formidável espada e um cavalo com sela guarnecida de prata.
Tendo-se preparado todo, dirigiu-se ao castelo, sem que ninguém que passasse a seu lado pudesse reconhecer naquele elegante cavaleiro o rapazinho do dia anterior.
No pátio do castelo foi recebido pelo mesmo cortesão que lhe havia contado a história do Rei Luz do Sol e da Princesa Luz da Lua, e que então o conduziu ao salão do trono. Voltando-se para todos os que se encontravam ali reunidos, Coração desembainhou crespada e gritou com voz clara e forte:
- Damas e nobres reunidos, declaro-vos que o Príncipe é um falso, um mago e um bruxo. Não é o marido que a vossa Princesa merece. Eu estou disposto a manter minha acusação de espada em punho.

Ao ouvir essas palavras, os moradores do castelo ficaram boquiabertos. Até o Príncipe ouviu o que Coração dizia e acorreu, ansioso, para lutar. Mas o velho cortesão se meteu entre os dois rivais.
- Todos escutaram o desafio - disse ele. - Que o combate se realize de acordo com as leis da nobre Cavalaria. Que todo o mundo se apresente no pátio de armas. Que as damas se coloquem nas sacadas. Quando todas estiverem em seus lugares, eu darei o sinal com três toques de clarim, e o encontro poderá começar.
A Princesa, coberta com seu véu, e suas damas, sentaram-se nos bancos e tamboretes junto das sacadas. O gatinha branca se agachou no regaço de sua real senhora. O velho cortesão já ia levar o clarim aos lábios, quando Coração sacudiu a mão e disse:
- Antes que comece o combate, devo impor uma condição: Só a força e a coragem devem decidir quem há de ganhar: a magia e a bruxaria devem ser afastadas. Meu rival guarda um feitiço num dos seus sapatos. Por isto desejo, gentil Princesa, que lutemos descalços.
Dito isso, tirou rapidamente os sapatos e os jogou longe. O rosto do Príncipe ficou branco como a neve.
Franzindo as sobrancelhas, ele gritou:
- Jamais aceitarei tão vergonhosa condição!
A Princesa se pôs de pé e, aproximando-se do balaústre, levantou a mão, pedindo silêncio. Quando o silêncio foi absoluto, todos puderam ouvir sua voz, clara e argentina como as notas de um sino.

- Meu Príncipe, rogo que faças o que o teu adversário fez. Jamais ninguém deve acusar o meu futuro marido de ter vencido por causa de artes mágicas. Tu não quererás que eu me envergonhe de ti, não é verdade? Faze o que te peço, e tira os sapatos!
- Não! - gritou o Príncipe, violentamente. - Jamais-cometerei uma ação tão vergonhosa!
A jovem falou novamente:
- Se fizeres o que eu te disse, e ganhares o combate, casarei contigo hoje mesmo. Contento-me, pela tua honra e pelo meu carinho!
Mas o Príncipe se recusava ainda. Luz da Lua voltou-se então, muito triste, para as suas damas, e se preparou para voltar aos seus aposentos.
Naquele momento, o Príncipe, que havia examinado atentamente Coração, disse:
- Espera, Princesa: eu derrotarei esse trapaceiro, pela minha honra e pelo teu carinho!
A seguir o cortesão se adiantou e despojou o Príncipe dos seus borzeguins de camurça. Soaram três toques de clarim, e os dois adversários, empunhando com a mão direita suas brilhantes espadas, e com a esquerda seus escudos, se precipitaram um contra o outro.
Ao primeiro golpe, Coração vacilou um pouco na sela. O Príncipe havia notado o quanto ele era jovem, e contava com sua própria experiência para derrotá-lo. Tal era a sua alegria pela vitória, que já considerava segura, que esqueceu todas as cautelas. Abaixou o escudo e ergueu a espada para acabar com o seu rival.
Mas Coração já se havia recobrado, e quando a

espada do Príncipe caiu sobre ele, chocou-se com o escudo. A seguir Coração, aproveitando o fato de seu inimigo estar descoberto, descarregou sua arma contra o Príncipe. O cavalo deste retrocedeu e ouviu-se um tremendo grito, ao mesmo tempo que o corpo do noivo de Luz da Lua tombava nas lages do pátio de armas. Um jorro de sangue negro esguichou do ferimento, mas quando os escudeiros e pajens foram socorrer o que havia caído, viram, com grande horror, no lugar do Príncipe, diante deles, um horrível anão, completamente morto.
Era o malvado feiticeiro Rodamundo, que, com a ajuda da sua bruxaria, quisera apoderar-se da Princesa. Cheios de espanto, fugiram todos dali, deixando o horrendo cadáver no meio do pátio.
Coração se aproximou da Princesa. Ajoelhando-se diante dela, deixou que a filha do Rei lhe colocasse uma coroa de louros. Depois, a jovem lhe estendeu uma das mãos, fazendo-o levantar-se e dizendo:
- Como poderei premiar-te, por me teres libertado das garras de um feiticeiro?
Colou-se um momento e, acariciando o gato branco, murmurou:
- Se eu fosse bonita e alegre como em outros tempos, saberíamos como premiar-te, não é verdade, meu gatinho?
O gato miou com tanta insistência, que Coração, dominado por súbito impulso, tirou do bolso a garrafinha e tomou três gotas do líquido, ouvindo o bichinho dizer:
Miau, miau, miau. Triste e enrugada te vês, Princesinha. Mas se com água clara da fontezinha lavares a cara, ficarás bonita outra vez.

O assombro da Princesa aumentou quando ela viu Coração começar a rir e, correndo até a fonte do pátio do castelo, voltar dali a poucos momentos, com um balde cheio de água.
- Lava teu rosto, gentil Princesa, e presenciaremos um milagre! - disse ele.
A jovem lavou o rosto com a água fresca e imediatamente voltou a ser tão bonita como era antes. Foi de novo a linda Princesa Luz da Lua.
Houve uma grande alegria em todo o país, e quando a Princesa concedeu sua mão a Coração, o entusiasmo do povo não teve limites, pois não havia quem não adorasse a moça.
Uma noite antes do casamento, Coração e Luz da Lua, estavam sentados junto de uma janela contemplando o belo panorama que se estendia diante deles, banhado pela luz do astro da noite.
Sentiam-se muito ditosos, e só uma nuvem toldava a felicidade deles. A Princesa pensava em seu pai, o bondoso rei Luz do Sol, e, apesar de estar feliz junto de seu amado, lhe rolavam lágrimas pelas faces.
- Estás chorando, querida? - perguntou, com doçura, Coração. - Conta-me a causa das tuas mágoas! Quero que dividamos entre nós dois tanto as alegrias como as tristezas!
A Princesa não respondeu. Apenas escondeu o rosto e soluçou desconsoladamente. Coração sentia-se triste e inquieto. Seus atribulados pensamentos foram interrompidos pelo canto de um galo que estava perto da porta do castelo.
Coração se apressou a procurar a garrafinha. Só restavam umas gotas do líquido mágico. Ele as

bebeu e aguçou o ouvido, escutando:
Quiquiriqui! Cocorocó! Dentro do alto pinheiro está prisioneiro um nobre guerreiro chamado Luz do Sol. Com um forte golpe do tua espada porás abaixo o feitiço cruel.
Coração soltou um grito de alegria e jogou ao chão a garrafinha já vazia, que se fez em cacos.
- Tu me serviste fielmente, querida garrafa. Descobriste para mim os segredos dos animais.
Em seguida correu até a entrada do castelo, levando na mão sua espada desembainhada. Junto da porta erguia-se um velho e alto pinheiro.
Coração arremessou contra ele a espada, e no mesmo instante a enorme árvore se abriu, saindo de dentro dela o desaparecido Rei Luz do Sol. O malvado Rodamundo o tinha enfeitiçado, transformando-o em árvore.
Esfregando os olhos, ainda cheios de sono mágico, o velho Rei estendeu a mão a Coração, e regressaram para junto da janela, onde se encontrava a Princesa, radiante de felicidade.
No outro dia celebraram-se as bodas. Os sinos repicaram, soaram os clarins, bateram os tambores, o povo gritou entusiasmado, as crianças dançaram pelas ruas. E assim foi que, pelo seu amor aos animais, Coração, o filho do pobre carroceiro, ganhou a mão de uma Princesa e uma coroa de Rei.

FIM